

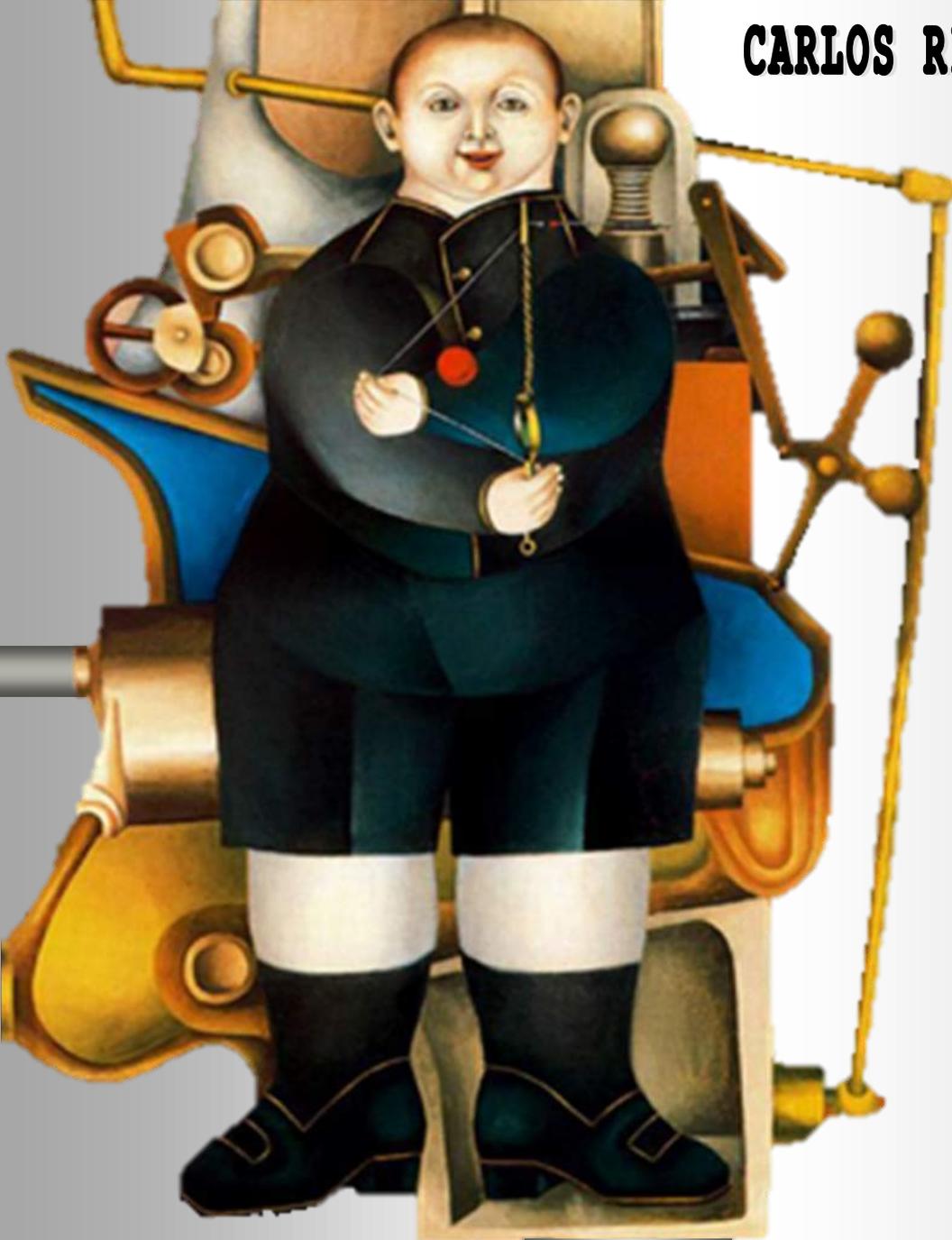
Versão Online ISBN 978-85-8015-094-0  
Cadernos PDE

VOLUME II

**OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Produções Didático-Pedagógicas**

**2016**

**CARLOS RICARDO GROKORRISKI**



**D  
S  
I  
N  
A**

**Φ**

**Produção de  
conceitos  
na relação  
CINEMA-FILOSOFIA**

<b>TÍTULO:</b>	<b>USINA <math>\Phi</math></b> - Produção de conceitos na relação cinema-filosofia
<b>AUTOR:</b>	Carlos Ricardo Grokorriski
<b>DISCIPLINA/ÁREA:</b>	Filosofia
<b>ESCOLA DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO E SUA LOCALIZAÇÃO:</b>	Colégio Estadual Professora Elzira Correia de Sá
<b>MUNICÍPIO DA ESCOLA:</b>	Ponta Grossa
<b>NÚCLEO REGIONAL DE EDUCAÇÃO:</b>	Ponta Grossa
<b>PROFESSOR ORIENTADOR:</b>	Rodrigo Diego de Souza
<b>INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR:</b>	UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa
<b>RESUMO:</b>	<p>O material oferece sugestões de trabalho aos professores no âmbito do ensino de Filosofia ao Ensino Médio a partir de abordagens metodológicas que deem conta de efetivar a aprendizagem de conteúdos importantes ao pensamento filosófico. Partindo das propostas existentes pensamos um ensino de Filosofia que buscasse "agenciamentos" com outras "potências do pensamento". Neste sentido o objetivo desta produção visa ultrapassar a repetição de práticas metodológicas já consolidadas. Visando não produzir mais do mesmo, mas contribuir com sugestões que possam atualizar as linguagens no interior da aula de Filosofia, intitulamos esta proposta didática de USINA <math>\Phi</math>. É preciso tomar aqui a palavra produção para além do contexto ideológico do modo de produção capitalista. Produção é a própria produção do real e não se objetiva produção para exploração e para o consumo. O objetivo é tomar a aula de filosofia como espaço de usinagem, de produção de conceitos. Assim recorreremos aos três momentos pedagógicos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002): problematização Inicial, Organização do Conhecimento e Aplicação do Conhecimento. O ensino de filosofia se daria a partir dessa compreensão por meio do agenciamento com outras linguagens. Neste caso, a opção foi por um dos modos de produção estética: O cinema.</p>
<b>PALAVRAS-CHAVE:</b>	Filosofia - Cinema - Criação de Conceitos
<b>FORMATO DO MATERIAL DIDÁTICO:</b>	Proposta Didática
<b>CAPA:</b>	Vinicius Costa
<b>PÚBLICO:</b>	Professores de Filosofia do Ensino Médio

## SUMÁRIO

1.	APRESENTAÇÃO .....	3
2.	MATERIAL DIDÁTICO .....	4
3.	ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS .....	7
3.1	Problematização inicial.....	9
3.2	Organização do Conhecimento.....	11
3.3	Aplicação do Conhecimento.....	12
4	CRONOGRAMA DE TRABALHO.....	13
	REFERÊNCIAS .....	15

## 1. APRESENTAÇÃO

Este material foi pensado e produzido a partir das reflexões e dos estudos realizados durante o ano de 2016, no PDE - programa de desenvolvimento educacional da SEED - da Secretaria de Estado da Educação do Paraná e da UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa.

A proposta é de apresentar um material base que ofereça sugestões de trabalho no âmbito do ensino de Filosofia para o Ensino Médio e surgiu da necessidade de pensar abordagens metodológicas que dessem conta de efetivar a aprendizagem de conteúdos importante ao pensamento filosófico e auxiliando na formação do jovem do ensino médio.

Partindo das propostas existentes pensamos o ensino de Filosofia que buscasse “agenciamentos” com outras “potências do pensamento” (DELEUZE; GUATTARI, 1992), neste caso a linguagem cinematográfica.

Nesse sentido o objetivo desta produção visa ultrapassar a repetição de práticas metodológicas já consolidadas, não produzir mais do mesmo, mas contribuir com sugestões que possam atualizar as práticas no interior da aula de Filosofia.

## 2. MATERIAL DIDÁTICO

Uma aula usina, um local em que seja possível a criação de conceitos. Como inserir um processo de usinagem em ensino de filosofia?

Assim pensamos em intitular esta proposta didática de USINA  $\Phi$  e faz-se necessário a justificação do termo usina, que imediatamente nos remete às ideias de local de produção, como se pode conferir no Aurélio, engenho de açúcar mecanizado, indústria de aço e energia. Tais palavras são interessantes, embora possam ser associadas às ideias de maquinização ou alienação do homem. Pensamos aqui inspirados nas ideias de Deleuze e Guattari (2010) que definem o próprio inconsciente como maquínico: usina.

É preciso tomar aqui a palavra produção para além do contexto ideológico do modo de produção capitalista. Produção é a própria produção do real cujo objetivo não está ligado à exploração e para o consumo. Apenas produção como produção do próprio real.

Em *O Que É A Filosofia?* Deleuze e Guattari (1992) expõem a ideia de que a atividade específica da filosofia é a de produzir conceitos. Sair da idade enciclopédica em que se reproduz conceito e partir para idade pedagógica do conceito, se se deixar levar pela idade de produção comercial do conceito.

Então era isso. O objetivo é tomar a aula de filosofia como espaço de usinagem, de produção, mecanicismo de produção, produção de energia (hidroelétrica), de pensamento, de doçura (usina de açúcar), de conceitos, de filosofia, produção do real e da vida.

Mas como conceber a aula de filosofia como um espaço de produção? Qual o papel do professor em tal tarefa? Que instrumentos utilizar para que isso se torne possível?

A aula de filosofia deveria nesse sentido operar a partir da ideia da produção de um conceito. Para tanto é necessário observar qual é o conceito que o aluno tinha antes da usinagem, proporcionar-lhes instrumentos e ferramentas que possibilitem tal tarefa e perguntar-se o que se produziu após a aula.

Para a realização de tal tarefa recorreremos aos três momentos pedagógicos (DELIZOICOV; ANGOTTI; PERNAMBUCO, 2002): Problematização Inicial, Organização do Conhecimento e Aplicação do Conhecimento em Filosofia. Tais passos poderão ser seguidos para a organização do trabalho pedagógico. Não basta a sequência, não basta uma forma, é preciso uma abordagem. Assim propomos que além da sequência pedagógica faz-se necessário a compreensão que o trabalho com filosofia não se restringe a apresentação enciclopédica dos conceitos, é preciso forjá-los.

Pensamos a Filosofia como potência do pensamento agenciável com outras potências, seja a ciência ou a arte. O ensino de filosofia se daria a partir dessa compreensão por meio do agenciamento com outras linguagens. Neste caso a opção foi por um dos modos de produção estética: o cinema<sup>1</sup>.

O cinema pode ser concebido como um recurso especial no processo de ensino aprendizagem por agregar de modo significativo imagem, movimento e linguagem. Especial, porque torna possível 'realidades' irreais, traz presente o ausente, possibilita duvidar, tematizar o tempo, a verdade, a realidade, a dor, a angústia, o tédio, a violência, a morte, o amor, a felicidade, a justiça, enfim, abarca todas as dimensões da existência humana. A atividade filosófica, por sua vez, faz dessas várias dimensões objeto de compreensão crítico argumentativa. (RIBAS; CENCI, s/a)

O cinema como produto monumental, produtor de afetos e não como elemento ilustrativo aos temas filosóficos. Pensamos a apresentação de filmes como capazes de produzir sensações e não de explicar conceitualmente, o papel de explicar parece pertencer à ciência. A proposta é apresentar o cinema como arte pura, capaz de produzir sensações e oferecer substrato para o pensamento. A partir das sensações causadas pelo filme adentrar a outra potência do pensar, a filosofia.

O cinema pode servir como mola propulsora, como o aguilhão da atividade filosófica, na medida em que possibilita mediante a realidade ficcional posta, causar a afetação necessária que põe em marcha um processo de intelecção da problemática experienciada na trama. Essa dimensão cognitiva do cinema, que vai além do lazer, possibilita uma compreensão do mundo. O cinema possibilita, desse modo, que construamos não um discurso científico 'limitado' por proposições verdadeiras ou falsas, mas um discurso filosófico esclarecedor pelo esforço argumentativo. O que é mostrado pelo cinema não está no mesmo nível que o que é dito pela ciência. A ciência trata do mundo, que é o que pode ser dito na forma de proposições (frases apofânticas) e

---

<sup>1</sup> Ou, para estar mais conectado à realidade dos alunos, é possível observar a simpatia de alguns pelos seriados que têm se tornado cada vez mais acessíveis na atualidade.

pensado. O cinema não tem a obrigação de descrever a realidade como a ciência. Ele está liberto da obrigação de referir-se à realidade, por isso não precisa ser lógico e nem descrever o mundo com proposições verdadeiras (ou falsas). (RIBAS; CENCI, s/a)

Após a apresentação do filme sugere-se proporcionar aos alunos que falem o que sentiram, expressem e descrevam o que e como o filme lhes tocou, o que produziu neles. Em seguida propor problematizações que agenciem com outra forma de pensar. Pretende-se retirar dos afetos, problemas filosóficos. Deste ponto em diante, para que a experiência seja filosófica cabe ao professor oferecer elementos para que o aluno agencie e produza conceitos. Sugere-se que o professor estabeleça conexões, entre o tema do filme e o que se produziu na literatura filosófica na história da filosofia. Aqui o papel do professor é fundamental para oferecer aos alunos ferramentas, textos, materiais, explicações que os instrumentalizem.

Assim sairíamos do filme, substrato de produção de afeto, e iríamos para o texto filosófico, substrato para a produção de conceito. O objetivo é que o aluno percorra respostas filosóficas dadas às problemáticas levantadas e crie sua resposta.

A proposta é de que se concretize, para além da fala, elementos em que se possa materializar a produção. Assim, se pode propor que os alunos produzam um texto síntese do percurso e realize uma produção de vídeo para que expresse o pensamento na linguagem audiovisual. A proposta efetivada pode ser expressa na proposição: do filme ao conceito e do conceito a um novo filme.

### 3. ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

A seguir apresentamos sugestões de um roteiro estruturador para com filme. Deve-se salientar que não há o objetivo de oferecer formas enrijecidas a serem seguidas, mas oferecer sugestões que auxiliem na compreensão da superação da utilização do filme como ilustrador e do enciclopedismo nas aulas de filosofia. Cabe ao professor, que conhece a realidade, vicissitudes e potencialidades de seus alunos, tomar decisões sobre os encaminhamentos para o efetivo desenvolvimento do pensamento filosófico.

Chegamos a uma sugestão de trabalho com ensino de filosofia dividido em três grandes blocos:

**A) Primeiro momento pedagógico:** Problematização Inicial que corresponde aos aspectos de sensibilização e problematização ou, no caso das Diretrizes Curriculares Estaduais (2008), poderiam ser assim denominados como subtítulo de: apresentação de signos Este momento consiste na apresentação de um filme aos alunos e se dará em três sub momentos: a) primeiro apresentação de uma ficha técnica e uma breve exposição da sinopse do filme; b) segundo a apresentação do filme propriamente dito; c) e por fim a coleta a partir de um diálogo dirigido pelo professor na coleta percepções que os espectadores tiveram ao assistir o filme. É importante considerar que não consideramos o filme como elemento ilustrador do tema filosófico, mas como uma linguagem como um fim em si mesmo.

A exposição do filme objetiva que os espectadores entrem em contato com a linguagem cinematográfica e compartilhem suas reações, afetos e percepções causadas pela imagem na tela. É importante neste momento que os alunos expressem qual foi a percepção que tiveram da imagem exibida. Aqui se inicia o processo de usinagem, pois os elementos gerados pelo filme consistem na matéria prima para pôr a aula em movimento. É importante ressaltar a necessidade da formação do professor de Filosofia que deve estar preparado para os possíveis rumos que a aula pode tomar. Não é possível prever neste momento quais serão as reações que serão anunciadas pelos espectadores, nesse sentido cabe ao professor

uma postura atenta para que consiga captar elementos nos discursos dos alunos que possibilitem o seu trabalho no segundo momento.

**B) o segundo momento pedagógico:** Organização do Conhecimento se constitui como momento em que o papel do professor é considerado central. Neste momento o professor fará a problematização a partir dos discursos, das falas, dos alunos tentando identificar problemas filosóficos que tenham relação com aquilo que foi identificado na linguagem estética, cabe ao professor o manejo dos conteúdos de filosofia para que consiga fazer o direcionamento das questões elencadas pelas percepções dos alunos depois do filme para que se encaminhem aos problemas filosóficos e assim se possibilite o trabalho com a investigação e posterior criação de conceitos.

A partir deste momento o professor deve passar a operar de forma diretiva fazendo a apresentação de como o tema foi tratado na história da filosofia. Depois de feita a problematização o professor apresentará aos alunos um texto filosófico em que seja possível identificar como se deu a operação de determinado filósofo para que pudesse responder ao problema filosófico: manejo e remanejo dos signos. Mais uma vez é importante ressaltar a importância da formação do professor de Filosofia para que consiga estabelecer relação entre o aspecto das percepções com os problemas como a própria história da filosofia.

O trabalho com o texto não consiste como uma simples leitura ilustrativa para os problemas, mas sim no momento por excelência da operação com conceitos. É importante ressaltar que não cabe a este momento a ideia de estabelecer um conceito definitivo para os problemas, mas de oferecer instrumentos que possibilitem aos alunos a fragmentação dos conceitos que possuem para posterior reconhecimento de que aquilo que pensavam está fragmentado em partes.

**C) o terceiro momento pedagógico:** Aplicação do Conhecimento, constitui na passagem de domínio da aula por parte do professor ao protagonismo do aluno, a produção de signos. Cabe ao professor sugerir e direcionar seus educandos para que a partir desse momento assumam a tarefa de construção conceitual a partir da produção de material. Tal produção pode se dar de dois modos: ou na construção textual que expressa os conceitos tanto pela escrita quanto pela oralidade, ou na

produção estética. O coroamento de todo o trabalho seria o retorno à linguagem estética com a produção de material audiovisual por parte dos próprios alunos. Esta proposta se daria de forma simples: uma formação de grupos para criação de roteiros e para filmagem com um aparelho celular disponíveis em sala, a partir dos temas em questão.

### 3.1 Problematização inicial

Neste primeiro momento é apresentada aos alunos a dinâmica do trabalho. Cabe ao professor esclarecer que assistir filmes não se restringe e, nesta situação, não objetiva o entretenimento. Trata-se do contato com a arte cinematográfica para posterior trabalho, no sentido de que estudar exige esforço e dedicação. Outra observação é de que os filmes escolhidos são de graus diferentes de complexidade. Neste material sugerimos três filmes fora do circuito hollywoodiano o que gera uma atenção especial pela dificuldade de formação de um aluno que geralmente não é expectador de cinema arte.

## EXEMPLO I:

# PARIS, TEXAS

## FICHA TÉCNICA<sup>2</sup>

**TÍTULO** Paris, Texas (Original)

**ANO PRODUÇÃO** 1984

**DIREÇÃO** Wim Wenders

**DURAÇÃO** 139 minutos - colorido

**LEGENDA** Português e inglês

**ÁUDIO** Inglês 2.0

**FORMATO DA TELA** 4x3 letterbox

**CLASSIFICAÇÃO** 12 - Não recomendado para menores de 12 anos

**GÊNERO** Drama

**PAÍSES DE ORIGEM** Alemanha, Estados Unidos da América, França, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte.

**SINOPSE** Um homem é encontrado exausto e sem memória, em um deserto ao sul dos EUA. Aos poucos ele vai se recordando de sua vida, sendo acolhido pelo irmão Walt, que é casado com Anne. Com eles vive também Alex<sup>3</sup> (sic), filho do homem sem memória, que aos poucos volta a se identificar com o pai.



<sup>2</sup>PARIS, Texas. Direção de Wim Wenders. Produção de Don Guest. Roteiro: Sam Shepard. Música: Ry Cooder. Eua.: Road Movies Filmproduktion, 1984. (147 min.), DVD, son., color

<sup>3</sup>O nome do filho no filme é Hunter, mas a capa traz Alex.

## ALGUMAS QUESTÕES PARA A PROBLEMATIZAÇÃO!

- O que você sentiu com o filme?
- O que mais te chama atenção no filme?

(deixar que os alunos expressem à vontade as afecções produzidas pelo filme)

- Que imagens te fizeram sentir algo? A música te tocou de alguma forma?

(deixar que os alunos expressem sentimentos)

- Por que, em sua opinião, o diretor escolheu esses elementos para contar essa história? Por que essa música? Que sentimentos levaram o diretor a produzir o filme?

Para a passagem ao próximo passo sugere-se que o professor faça abordagem sobre a produção do filme, como produção estética<sup>4</sup>.

### 3.2 Organização do Conhecimento

A partir deste momento entra-se no trabalho com a filosofia propriamente dita. Cabe ao professor conectar os problemas suscitados após o filme e transformá-los em problemas filosóficos.

O professor poderá sistematizar o conhecimento utilizando-se de diferentes recursos e materiais didáticos como: livro didático de filosofia, textos ou fragmentos de textos de obras filosóficas, pesquisa bibliográfica, discussão e debate em grupos, vídeos, entre outras opções que possam ser utilizadas para a organização do conhecimento em torno da temática.

Sugerimos o trabalho com os conceitos a partir da obra Eros e Civilização de Herbert Marcuse. Para instrumentalizar o professor indicamos a leitura do ensaio de

---

<sup>4</sup> Neste sentido sugerimos as leituras de Imagem e Movimento e Imagem e Tempo (DELEUZE, 1985, 1990);

Patrick Pessoa (2008) como uma interpretação de Paris, Texas em relação à obra de Marcuse.

### 3.3 Aplicação do Conhecimento

Após as atividades da Organização do Conhecimento será possível desenvolver a pesquisa em grupo e o debate frente aos diferentes aspectos que envolvem a temática; têm-se no terceiro momento pedagógico a aplicabilidade do conhecimento produzido, para esta etapa, apresentam-se as seguintes sugestões para a Aplicação do Conhecimento:

- Construção de um texto relatando todas as atividades desenvolvidas nos grupos durante o estudo mediado por esta proposta didática;
- A Elaboração de um curta-metragem, filmado e produzido pelos estudantes, para circulação na escola.
- Entre outras propostas que possam emergir do coletivo dos alunos e professores ao materializar esta proposta didática.

Nesse sentido, ao finalizar as aulas mobilizadas por esta proposta é interessante o professor avaliar a execução deste trabalho, os pontos positivos e as dificuldades encontradas, e também solicitar aos alunos o feedback deles sobre a proposta.

## 4 CRONOGRAMA DE TRABALHO

MOMENTO PEDAGÓGICO	ATIVIDADE	NÚMERO DE AULAS
Problematização inicial	Preparação da turma, falar sobre cinema, função, produção, arte cinematográfica	2 aula
	Exposição do Filme	4 aulas
	Diálogo sobre as percepções do filme	1 aula
	Sistematização das principais reações e perguntas que surgiram	1 aula
	Elaboração das perguntas, problemas filosóficos.	1 aula
Organização do Conhecimento	Pesquisa sobre filósofos que abordaram o tema	2 aula
	Apresentação dos textos e dos conceitos da obra filosófica, leituras, sistematização das leituras, operação com conceitos	10 aulas
Aplicação do Conhecimento	Elaboração do texto síntese	2 aulas
	Retorno do texto – revisão, reestruturação	2 aulas
	Elaboração de um roteiro para produção de um curta	2 aulas
	Produção do curta (vídeo) produção estética	2 aulas
	Exposição e apresentação dos trabalhos	2 aulas
		32 aulas

Para esta proposta desenvolvemos a sugestão do trabalho em atividades relacionadas ao tema da constituição das relações afetivas do sujeito, por meio do filme Paris, Texas e a obra Eros e a Civilização.

Com a finalidade de ampliar as possibilidades sugerimos o trabalho com outras obras fílmicas: a segunda sugestão está relacionada ao tema da criação do real por meio do filme Holly Motors de Leos Carax, e a terceira relacionada à constituição social e política do sujeito com o filme Terra em Transe de Glauber Rocha.

Os três filmes possibilitam a criação de potências para se pensar três dimensões da existência: a primeira da própria constituição da subjetividade, do real e da verdade do sujeito, a segunda das relações afetivas do sujeito com o outro, de como o real é afetado pelas relações afetivas e a terceira das relações políticas éticas e sociais do sujeito no seu local de existência. Para a Constituição dos elementos de investigação relacionados ao primeiro filme recorreríamos ao texto da primeira meditação cartesiana em que o filósofo lança a possibilidade de dúvida da existência da subjetividade e do real; Relacionado ao segundo filme e por fim para o último filme o texto do antropólogo brasileiro Darcy Ribeiro sobre a formação da identidade nacional.

O objetivo final é a formação de instrumentos para que o aluno pense a sua constituição subjetiva, a sua relação com os outros e a sua relação política e social com o local onde vive. Não se quer com isso estabelecer discursos determinantes ou enciclopédicos de como se deve pensar o sujeito. Ao contrário a linguagem cinematográfica dos três filmes são por si imagens em movimento que fazem enquadramentos (Deleuze, 1985) não determinantes assim como os três textos possibilitam e as questões sejam mantidas em suspensão para que caiba ao próprio sujeito o enquadramento que constitua reais possíveis: dos signos, rearranjo de signos e produção de signos, nisso vislumbra-se a possibilidade de uma Usina  $\Phi$ .

## REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G. **A Imagem-movimento**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Cinema 1).
- \_\_\_\_\_. **A Imagem-tempo**. São Paulo: Brasiliense, 1990. 332 p. (Cinema 2).
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia 1**. São Paulo: Editora 34, 2010. 534 p.
- \_\_\_\_\_. **O Que é a Filosofia?** 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A.; PERNAMBUCO, M. M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.
- MARCUSE, Herbert. **Eros e a civilização: Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud**. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975. 332 p. Tradução de Álvaro Cabral.
- PARANÁ. Governo do Paraná. Secretaria de Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Filosofia**. Curitiba: Jam3 Comunicação, 2008. 68 p
- PARIS, Texas. Direção de Wim Wenders. Produção de Don Guest. Roteiro: Sam Shepard. Música: Ry Cooder. Eua.: Road Movies Filmproduktion, 1984. (147 min.), DVD, son., color
- PESSOA, Patrick. Herbert Marcuse vai a Paris, Texas. **Viso: Cadernos de estética aplicada**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, p.96-107, jan. 2008. Disponível em: <[http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso\\_4\\_PatrickPessoa.pdf](http://www.revistaviso.com.br/pdf/Viso_4_PatrickPessoa.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2016.
- RIBAS, Maria Alice Coelho; CENCI, Márcio Paulo. **FILOSOFIA E CINEMA: POSSÍVEIS ENTRECRUZAMENTOS**. **S/t**, Santa Maria, p.1-9, /. Disponível em: <[http://sites.unifra.br/Portals/1/j\\_ FILOSOFIA E CINEMA - TEXTO 6.pdf](http://sites.unifra.br/Portals/1/j_ FILOSOFIA E CINEMA - TEXTO 6.pdf)>. Acesso em: 08 dez. 2006

**Capa/arte:**

COSTA, Vinicius; Ilustração, 2016

**Detalhe:**

LINDNER, Richard. **Boy And Machine**, disponível em:  
<https://www.wikiart.org/en/richard-lindner/boy-and-machine>. Acesso: 12 dez. 2016.

(fair use)